

CAPÍTULO XVII – ANTAGONISMO E REPULSA PERTENCEM APENAS À PERSONALIDADE

Sarah Thomas estava parada junto ao portão do pomar, aguardando o retorno de Claude Rathburn. Ela havia mudado muito desde o dia em que conhecera Marozia no prado. Sua timidez desaparecera, assim como sua palidez doentia, e uma expressão indefinível tremeluzia nas curvas de sua boca. Seu rosto estava mais arredondado agora, e duas covinhas revelavam a nova felicidade de seu coração. Pouco lhe importava que tal felicidade repousasse sobre uma base muito insegura — ou melhor, que não houvesse base alguma. Em seu rosto, antes inegavelmente sem atrativos, surgira algo que simulava beleza graças ao poder transformador do amor — ou de sua sombra. Ela jamais fora amada e nunca tivera a quem amar, até que o rosto fascinante de Claude Rathburn sorriu para o dela com um desdém divertido. Ela via apenas o sorriso, o atrativo superficial — e isso lhe bastava. É verdade que Tom Gregory nutria sentimentos por ela, à sua maneira rude e pouco refinada, mas ela não levava isso em conta. Ele lhe causava repulsa. Era grosseiro demais até mesmo para Sarah; pois, como muitas de suas semelhantes, ela preferia o brilho de uma imoralidade refinada à bondade estúpida de um bruto inculto. Sua vaidade e presunção davam lugar ao novo interesse que a vida lhe despertava. Até mesmo a antiga atitude de desafio insolente fora submersa por sua paixão, que avançava rapidamente para aquele estágio redentor em que o sentimento se purifica e se refina pelo amor.

Enquanto esperava junto ao portão do pomar, com um olhar de viva expectativa nos olhos brilhantes e o rosto corado, ela exibia uma beleza comovente — aquela beleza que o despertar das emoções imprime aos traços humanos. Ela se debruçou sobre a escada de passagem do muro e observou as nuvens cruzarem o céu. Uma tempestade se armava, e o vento noturno tornou-se cortante como uma facada repentina; ela estremeceu ao ver as estrelas desaparecerem, uma a uma, em meio às massas de nuvens que corriam

velozes. Um pensamento súbito sobre seu antigo professor lhe veio à mente. Então, uma visão se desenrolou gradualmente, como uma névoa, tendo como centro o rosto sereno e paciente dele. Era um rosto luminoso — não pela paixão humana, como o dela estava naquele momento, mas pelo Fogo Divino, que glorifica, mas jamais queima ou enegrece. Lágrimas vieram aos seus olhos por um instante, atenuando aquele brilho ardente.

— “Oh, meu caro Mestre”, murmurou ela, com a voz embargada e um meio soluço, “será que você me condenaria, se soubesse?”. De repente, ela se virou, como se uma presença humana tivesse surgido, corando de culpa. Então, juntou as mãos sobre o peito com um frêmito de exaltação, ao mesmo tempo desafiadora e comovente.

— “Não me importo — não me importo! Eu o amo e continuarei amando-o, mesmo que ele não me ame — e ele jamais disse que me amava! De qualquer forma, ele me salvou de uma vida de labuta sórdida e miserável, e eu o adoro por isso... não, eu o adoro por quem ele é! Eu voltaria àquela vida antiga ao lado dele em vez de viver como uma rainha sem ele!”

Ela mergulhou em lembranças enquanto se apoiava na cerca e contemplava as estrelas, que ainda cintilavam por entre as nuvens. Seu amor havia alcançado um patamar muito mais elevado desde aquele dia, há tanto tempo, em que se sentira lisonjeada pela honra imaginária da atenção de Claude Rathburn. Sua vaidade estava se consumindo naquele fogo, e apenas uma devoção desinteressada restaria quando a provação chegasse ao fim.

— “Como tudo isso me aconteceu de forma tão estranha”, refletia ela em voz alta, “enquanto eu estava sentada sobre a grande rocha no prado, odiando minha vida e odiando ainda mais Marozia Remington — não por algo que ela tivesse feito, mas porque ela era um espinho em minha carne! Não vejo sentido em as coisas serem tão desiguais neste mundo! Ela nunca fez nada

para merecer a boa sorte que teve, assim como eu não fiz nada para merecer a minha miséria! Eu também gostaria de ter uma Personalidade encantadora, de ser refinada e... tudo o que ela é. Acima de tudo, eu gostaria de ter um pai como o dela! Que alegria deve ser para uma moça ter um pai que ela possa admirar e de quem possa se orgulhar — alguém capaz de lhe ensinar tudo o que ela deseja saber! Não entendo por que ela teve todas as coisas boas da vida! Mas agora não me importo mais, pois ela está passando por suas próprias dificuldades e as coisas estão se equilibrando um pouco. Tudo mudou depois que o Sr. Rathburn chegou. Meus dias felizes começaram, e os dela desapareceram. Que voz ele tem! A voz de Tom Gregory sempre me irritou — especialmente quando ele tentava ser gentil. Eu sempre odiei meu nome — ele combinava com meu vestido de chita velho e desbotado: “Say-ry” — era assim que todos o pronunciavam; mas, quando ele o dizia com sua voz musical, eu gostava dele quase tanto quanto gostava de algumas das minhas aulas de latim, quando o Sr. Remington lia e traduzia. E quando ele realmente me notou — a mim, a simples Sarah Thomas, por quem ninguém jamais havia se interessado (exceto Tom, mas ele não conta) — parecia bom demais para ser verdade. Eu não poderia desejar mais nada... exceto... eu desejava que ele se casasse comigo, para que eu pudesse contar a todos o quanto sou feliz. Deve ser maravilhoso estar verdadeiramente casada com um homem que você ama — especialmente com um homem como ele!”

Uma expressão de êxtase iluminou-lhe o rosto ao perceber o som surdo de cascos de cavalo à distância. Ela correu para baixar as trancas — tratava-se do velho portão do pomar, há muito em desuso. Claude Rathburn vinha fazendo esse caminho ultimamente, um atalho a partir da estrada principal. Ao avançar rapidamente, seu pé prendeu-se em um emaranhado de espinheiros e ela caiu. Ele estava longe demais para ver o seu desespero e a sua vergonha; para ele, qualquer falta de jeito era imperdoável. Ela logo se recompôs, já que ele não havia visto a cena, mas restaram arranhões dolorosos como testemunhas

daquele encontro secreto. No entanto, ela não sentia dor quando o homem que idolatrava estava por perto. À medida que ele se aproximava, ela exclamou em tom baixo e alegre:

— “Oh, Sr. Rathburn... estou tão feliz que tenha vindo! Esperei tanto tempo!”

— Ele respondeu de forma distraída. Estava escuro, e ela não conseguiu ver a expressão de desprezo no rosto dele. Ele desmontou e caminhou ao lado dela, conduzindo o cavalo pela trilha do pomar.

— “Por que você fica aqui fora, ao relento? É uma grande tolice fazer isso! — Havia um tom desagradável em sua voz”.

— “Por um único motivo: você. Eu queria vê-lo antes de tudo”.

— “Então eu não passo de uma ‘coisa’! Por que você não fala corretamente? Detesto esses modos plebeus e provincianos!”.

— “Perdoe-me, Sr. Rathburn... eu não pensei”.

— “Ninguém parece pensar neste vilarejo provinciano! Mas isso não é desculpa; você deveria pensar”.

— “Eu o decepciono, Sr. Rathburn?”

— “Sim, você me decepciona constantemente”.

— “Não é minha intenção... Eu sacrificaria o próprio Céu e a minha alma por você!” — Ao pronunciar essas palavras terríveis, um raio de fogo pareceu atravessar sua alma, deixando-a marcada e paralisada. Todas as suas aspirações mais elevadas se dissiparam naquele momento fatal em que ela colocou o amor humano acima do Amor Divino. Ela falara com uma emoção intensa e chorosa, o que o irritou. A situação estava se tornando crítica demais — já havia passado da fase da brincadeira, e ele queria encerrar o jogo.

— “Sr. Rathburn!” — exclamou ela, com a voz embargada pelo choro.

— “Pois não? O que houve?”

— “Você não me ama nem um pouco?”

— “Ora, Sarah, chega de bobagem! Por que você não pode ser sensata como...”

— “Marozia Remington” — Ao completar a frase por ele, havia em sua voz um tom de queixa dolorosa misturado a um desespero surdo, como se o fim de tudo tivesse chegado para ela — e, no entanto, ela não conseguia aceitar seu destino.

Ele permaneceu em silêncio.

— “Marozia Remington?” — repetiu ela, com uma ênfase trêmula, como se a aparição daquela mulher surgisse no campo de batalha de seu íntimo, um espírito vingador.

— “Você é boa em adivinhar” — Havia uma bravata meio imprudente e zombeteira em sua voz e em sua postura. — “Tente adivinhar de novo”.

— “Você a ama.” As palavras foram ditas com aquela voz metálica e inexpressiva que soa como o eco de uma convicção avassaladora, reverberando de algum túmulo interior. O fogo e a agonia haviam passado; ela apenas aguardava, no silêncio gélido, pelo próximo golpe.

— “Que sibila você é hoje à noite, na mais pura verdade.”

— “Você a ama”, repetiu ela, agarrando o braço dele convulsivamente. Algo em seu rosto e em sua voz exigia uma resposta. Instintivamente, ele percebeu que uma crise se avizinhava, que o tempo para brincadeiras e evasivas havia acabado. A encenação terminara, o jogo chegara ao fim — chegara a hora do

acerto de contas. Uma agonia avassaladora é soberana; ela impõe respeito, exige certa reverência. O tom dele mudou subitamente para uma zombaria meio brincalhona.

“Olhe aqui, Sarah, é hora de acabar com toda essa tolice. Vou me casar com Marozia Remington; é melhor você ficar com o Tom. Farei uma boa provisão financeira para você, darei uma casa na propriedade para morar e você poderá ajudar a Sra. Reed a cuidar das coisas. Não seria ótimo para você?”.

Um olhar vazio encontrou o sorriso cínico dele. O coração dela recebera um golpe mortal, assim como sua alma, e a vida tornara-se, de repente, fria e cinzenta. Seus castelos no ar haviam desaparecido; seu mundo de sonhos jazia em ruínas hediondas, sem véus que as disfarçassem. Tudo era crueza, melancolia e desolação, como um campo de batalha na alvorada cinzenta. Ela havia se afastado deliberadamente de uma vida de aspirações e propósitos nobres. Tudo era vazio em seu interior; não havia chama a arder no altar, nem fluxo de correntes divinas, nem desejo altruísta, nem mesmo a consciência exultante do “Eu Superior” — apenas o nada. Ele a havia humilhado e descartado como algo sem valor, e sua consciência interior lhe dizia que ela merecia tudo aquilo. Chegaram ao celeiro, e ela permaneceu ali, tremendo — e não apenas por causa do ar frio. A zombaria dele cessou ao olhar para o rosto dela.

— “Sarah, não leve isso tão a sério. Vamos, seja compreensiva”. O silêncio dela — e a expressão em seu rosto — irritavam-no.

— “Sarah” — repetiu ele — “escute-me: quero que essa tolice acabe. Você sabe que lhe disse, certa vez, que era insensato correr atrás de mim daquela maneira. Eu lhe disse que, algum dia, seria obrigado a ir embora. Esse momento chegou. Nova York será meu lar daqui em diante. Se for sensata, você se casará com Tom; ele cuidará bem de você”.

Não havia sequer um protesto silencioso em seus olhos, apenas uma apatia sombria, como se sua alma estivesse morta. Ele estava preparado para um protesto violento, para um desabafo ou uma cena — coisas às quais moças da classe dela costumam recorrer —, mas não para aquele silêncio apático. A situação era trágica demais para ele, e um vago desconforto o dominou.

— “Entre em casa agora mesmo, Sarah. Está frio demais para você ficar aqui fora e... seja sensata; você sabia que isso aconteceria um dia. Você não esperava que eu me casasse com você, esperava?”

Ela continuava sem responder; ele segurou o braço dela e a conduziu para dentro de casa. Ao passarem pela sala de estar, a Sra. Reed cochilava sobre o tricô. O relógio sobre a lareira tiquetaqueava alegremente, e a luz do fogo projetava formas fantásticas nas paredes de papel de parede requintado, enquanto o tronco de lenha ardia na lareira. Para Sarah, todas as imagens e sons eram iguais agora. Seu coração estava partido. A maldição havia recaído sobre ela nesta vida — a maldição que ela havia lançado contra Marozia Remington.

Mais tarde, naquela noite, Claude Rathburn estava sentado com sua noiva, fazendo planos para o futuro. Ele partiria no trem noturno para Nova York, a fim de preparar sua casa no Bronx e organizar a recepção para sua futura esposa. Eles se casariam discretamente na pequena igreja gótica, assim que ele retornasse. Marozia insistia que a cerimônia fosse discreta. Por fim, ele perguntou:

— “Tem alguma encomenda para eu buscar na cidade?”

— “Obrigada, creio que não, Sr. Rathburn”.

— “Você não consegue dizer Claude? Nunca me chamou de nada menos formal do que ‘Sr. Rathburn’.” Ele ergueu o rosto dela em direção ao seu, e ela estremeceu. — “É tão difícil assim?”

— “Não... sim... mal sei dizer... só que...”

— “Só que o quê?”

— “Ah, por favor, não insista no assunto... eu não consigo, Sr...”

— “Claude”, completou ele, admirando a delicada reserva dela. — “A propósito, que tal mantermos a Sarah e deixá-la ajudar a Sra. Reed na Villa enquanto estivermos em Nova York? Acho que ela e Tom Gregory formariam um bom par, e poderiam morar em uma das casas dos caseiros. Seria melhor ter alguém além da Sra. Reed para cuidar das coisas na nossa ausência; ela sofre tanto de reumatismo e está quase cega.”

Marozia concordou e expressou o desejo de ajudar Sarah de alguma maneira efetiva. A conversa que tivera com a Sra. Morton a respeito da moça lhe veio à mente.

Essa é uma das suas belas e pequenas ilusões — essa ideia de ajudar os outros. Isso a torna duplamente encantadora, mas acredite em mim, minha querida, é uma falácia. As pessoas não gostam de ser ajudadas — ninguém gosta, da maneira que você imagina. Elas gostam de ser deixadas em paz na sua ignorância e estupidez. Aqueles que mais precisam de ajuda são os que menos a valorizam. Não desperdice sua doce compaixão com as criaturas inferiores ao seu redor. Isso não lhe trará nenhum bem, e você acabará sendo rejeitada por elas. Seu plano de existência é elevado demais para que você o abandone a fim de elevar criaturas impossíveis ao seu nível.

A memória de Marozia trouxe de volta, de repente, aquela visita a Sarah — feita no auge de seu altruísmo entusiasmado — e o ardor um tanto arrefecido

com que retornara para casa, bem como suas reflexões sobre tais esforços. Sua Mente, em seu raciocínio dominante e persistente de causa e efeito, confirmava as conclusões de Claude; contudo, em seu subconsciente, ela sentia que elas estavam erradas. Sua experiência com Sarah as justificava, mas, no fundo de sua alma — onde brilhava uma luz radiante —, ela sabia que o Espírito aprisionado no corpo de Sarah não sentia antagonismo nem repulsa; tais sentimentos pertenciam apenas à Personalidade discordante, ainda ligada à alma animal. Num lampejo de iluminação, ela percebeu que, se a luz interior pudesse ser auxiliada em seus esforços para brilhar através daquela máscara espessa, a alma resplandeceria e, num instante, Sarah seria transformada. A inspiração que surgiu com essa percepção foi maravilhosa: ela vislumbrou, por um momento, o regozijo dos Anjos quando uma alma se arrepende verdadeiramente e se une ao seu “Eu Superior” — que é o seu Deus. Claude continuava falando, mas ela mal o ouvia.

— “Além disso, você não sabe, minha bela jovem, que os seres vulgares e de índole inferior sempre odeiam a natureza superior — odeiam-na com um veneno mortal?”

Ela havia percorrido um longo caminho desde sua primeira conversa com a Sra. Morton a respeito de Sarah. Por meio de suas tristezas e provações, ela havia evoluído de forma admirável; o pesar e a compaixão que agora sentia por alguém que fora invejosa, rancorosa e implacável em seu ódio infundado atestavam a verdadeira nobreza de sua natureza. Com o amor Crístico brilhando em seus olhos luminosos, ela perguntou com sinceridade:

— “Mas essa própria atitude de desafio e ódio não prova, justamente, uma necessidade maior de ajuda e compreensão? Não é um apelo dirigido a nós, que vemos com mais clareza?”

— “Belas teorias, minha cara — mera fantasia de poeta. Não resistem à prova da realidade. Além disso, honestamente, quem as pratica? Você consegue citar alguém — mesmo entre os que ocupam posições elevadas — que realmente coloque em prática esses princípios altruístas? São apenas ideais; jamais poderão ser concretizados na prática.”

— “Não posso concordar com você nesse ponto. Conheci duas ou três pessoas que vivem de acordo com eles.”

O velho sorriso cínico ensombrou-lhe o rosto, e ela estremeceu novamente. Uma vibração cromática e melancólica percorreu os centros de sua alma. Ela começara a sentir a dor do mundo e sua profunda necessidade. Lembrou-se das conversas do Sr. Arlington sobre o preconceito e como ele desperta. Claude não conseguia acompanhá-la por esses labirintos intrincados; ele vivia em outro plano. Percebeu, contudo, que cometera um erro ao vê-la estremecer e tentou imediatamente lançar sobre ela seu antigo e fascinante feitiço, através do brilho eloquente de amor em seus olhos. Ao forçar o encontro de seu olhar com o dele, ela se perguntou, de repente, onde residia aquele encanto. Não havia ali profundidade de amor, nem uma alma em busca de expressão. Até mesmo o brilho que a fascinara tantas vezes, quando ela travava batalhas interiores, era artificial. Algo faltava, e ela compreendeu naquele momento — quando sua alma havia tocado profundezas subliminares — o que era. Faltava alma aos olhos dele. Eles brilhavam, mas não com o fogo do Espírito. Não havia neles aquele fulgor que emana de um coração de luz. Naquele instante, parecia-lhe que sempre fora assombrada por aqueles olhos e que uma tragédia parecia sempre iminente — à espreita, bem próxima —, sempre que eles a atraíam com seu feitiço oculto.

Ao começar a compreender a importância do terrível vínculo entre eles, ela respirou fundo, num suspiro que ficou pela metade. Foi um leve tremor, como

as cordas vibrantes de um violino, mas aquilo o irritou. Ele adotou uma atitude de galanteria fingida que não combinava com o estado de espírito dela.

— “Suspiros não combinam com a bela Marozia.” — Ela tentou sorrir, pois se lembrou de sua promessa.

— “Sinto uma melancolia inexplicável... como se houvesse um muro negro diante de mim.”

— “Ora, ora... você não é de ter oscilações de humor, é?”

— “Espero não ter nenhuma que incomode ou angustie os outros. Suponho, no entanto, que todo temperamento artístico tenha seus tons opacos, suas nuances melancólicas, suas horas sombrias.” — Ela falou quase em um monólogo, como se estivesse em comunhão consigo mesma e, logo em seguida, percebeu pela resposta dele o quanto estavam distantes.

— “Bem, minha bela dama, eu me livraria desse temperamento artístico. Ele não combina muito com a sociedade nova-iorquina.” — Agora que se sentia tão seguro em relação a ela, ele começava a adotar uma atitude ligeiramente condescendente — um ar de posse. Mais uma vez, ela sentiu uma revolta interior, repugnância, um protesto desafiador; mas, um instante depois, seu senso de humor veio em seu socorro e ela respondeu, sorrindo:

— “Como meu temperamento é parte de mim mesma, temo seriamente que a sociedade nova-iorquina terá de suportá-lo ou riscar meu nome de sua lista de visitas.” — Sua diplomacia provocou nele uma reação da qual ela preferiria ter prescindido. Com admiração ilimitada, ele exclamou:

— “Um homem jamais se cansaria de você... você é, sem dúvida, uma mulher de muitas facetas.”

— “Eu costumava considerar isso uma desgraça.”

— “É o seu maior encanto.”

Depois que Claude se despediu, ela ficou sentada em silêncio, refletindo sobre tudo aquilo, mas as incertezas apenas se aprofundavam. Num vislumbre abrangente, viu duas verdades se destacarem sob a luz reveladora que emanava do tribunal interior ao qual ela recorria para julgar a si mesma. Uma delas exigia a renúncia ao “eu” pessoal, com suas emoções e seu temperamento — a entrega desse “eu” ao Espírito que habitava as profundezas de sua alma. Ela sabia que eles eram apenas passageiros e que a impediriam de alcançar seu objetivo. O outro aspecto revelou o papel de Claude Rathburn na questão. Ele a havia dominado muito tempo atrás e ainda conservava vestígios daquele antigo poder. Ela também o havia ferido quando iniciou a longa luta pela autoafirmação. Forças — inúmeras delas — haviam agido e interagido, envolvendo-os em uma complexa teia de vínculos. Pela primeira vez, ela reconheceu o verdadeiro vínculo e a situação trágica em sua totalidade. Ela havia transcendido a visão limitada e compreendeu, num instante de profunda clareza, que sua Personalidade precisava ser conquistada — mas não por ele nem por intermédio dele. Ela já havia deixado para trás muitos marcos daquela trajetória evolutiva e agora pagava o último vestígio da antiga dívida para com a Lei de Causa e Efeito. Ao recordar a conversa daquela noite, reconheceu a antiga tendência dele de querer dominar. Com sua persistência de outrora, ele tentava moldar o humor dela ao seu próprio. Sob aquela luz reveladora, ela vislumbrou muitos escolhos à frente. Ela estava em um dilema em que qualquer escolha leva a um perigo grave, ou seja, devia “escolher o menor de dois males” ou “cair da frigideira para o fogo”? Decidiu que sim — por amor ao pai.